



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**

**JEANE DE JESUS BISPO**

**QUE CABELO É ESSE?**  
**UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO SIGNO CABELO CRESPO**

Salvador

2013

**JEANE DE JESUS BISPO**

**QUE CABELO É ESSE?  
UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO SIGNO CABELO CRESPO**

Monografia apresentada ao Colegiado de Letras Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras Vernáculas, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana Pucci Penteadó de Faria e Silva

Salvador

2013

Aos meus pais.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pois para Ele são todas as coisas.

A minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Adriana Pucci Penteado de Faria e Silva, por me aceitar como orientanda, por ter acreditado neste trabalho e por todas conversas e sugestões nos nossos encontros sempre motivantes.

Ao amigo Rogério Luid Modesto, querido Roger, por incentivar a minha iniciação científica e por entender a minha inquietação com o objeto que desejava estudar neste trabalho.

A prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lícia Heine, pela orientação na minha primeira pesquisa.

A prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Alícia Duhá Lose que conheceu e incentivou o desenvolvimento deste trabalho antes mesmo de ser um projeto.

A Caroline de Jesus e Larissa Queiroz, por todas as discussões *calorosas* que tivemos sobre o tema deste trabalho.

A Vanessa Barbosa, pela amizade e pelas discussões teóricas.

A Claudio, pelo apoio, pela companhia e pelos momentos em que me manda estudar!

À família que ama, compreende e torce!

A Diana, pelo apoio. À minha mãe, pelo carinho e atenção. Ao meu pai, que com toda a sua sabedoria me ensinou a *pular da cama!*

Aos colegas que de alguma forma contribuíram para a execução deste trabalho.

Pouca coisa seria possível sem vocês. Obrigada!

O canto do negro veio lá do alto  
É belo como a íris dos olhos de Deus, de Deus  
E no repique, no batuque, no choque do aço  
Eu quero penetrar no laço afro que é meu e seu...

*(Ilê Pérola negra, cantada pelo Ilê Ayê)*

## RESUMO

Neste trabalho, objetivamos analisar os enunciados que circulam sobre o cabelo crespo na esfera publicitária. Para que possamos compreender os discursos atuais é necessário que conheçamos alguns fatos importantes que estão relacionados com a estética negra. A teoria que embasa este trabalho é a Análise Dialógica do Discurso ou Análise Bakhtiniana do Discurso. Como nosso objeto de estudo é um signo ideológico para uma determinada comunidade e, portanto, um signo de cultura e constituinte da identidade negra, faz-se necessário apresentarmos, também, tais conceitos. A análise contempla dois folhetos do Instituto Beleza Natural, que recebem o nome “Segredinhos da Zica”. Os folhetos que serão analisados foram intitulados por nós como: “Não é mega, é meu!” e “Na onda do blackpower!”. Verificando os sentidos que os discursos presentes nesses folhetos, entendidos como enunciados verbo-visuals podem fazer circular, destacamos aqueles que dialogam diretamente com enunciados presentes em diversas esferas da atividade humana e que reforçam o estereótipo do cabelo crespo como algo ruim e que precisa ser melhorado.

**Palavras-chave:** Cabelo crespo. Relações dialógicas. Instituto Beleza Natural.

## ABSTRACT

In this study, our aim is to analyze the enunciations about afro hair circling throughout the publicity world. In order to understand nowadays' discourses it is necessary to know some important facts related to black aesthetics. The theory chosen was Dialogic Discourse Analysis or Bakhtinian Discourse Analysis. As we have ideological signs as our study object - set in a determined community - and, being so, a cultural sign and constituent of the black identity, it makes really necessary to also define those concepts. The analysis contemplates two Natural Beauty Institute's<sup>1</sup> handouts – which are named Zica's Little Secrets<sup>2</sup>. The analyzed handouts are named by us as: “It's not extensions, It's mine!” and “The Black Power fever”<sup>3</sup> Going deep into the meaning of the discourses present in those handouts, understood as the verbal-visual enunciations they may spread, we highlight those who dialogue directly with the enunciations present in many levels of human activities and which reinforce stereotypes associated with afro hair as bad and as something that needs improvement.

**Keywords:** Afro hair. Dialogical relations. Natural Beauty Institute.

---

<sup>1</sup> Instituto Beleza Natural

<sup>2</sup> Segredinhos da Zica

<sup>3</sup> “Não é mega, é meu!” “Na onda do blackpower!”

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	8
<b>1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO</b>	11
1.1 O OBJETO DE ESTUDO DA ADD: AS RELAÇÕES DIALÓGICAS	13
1.2 DO SIGNO IDEOLÓGICO AO VERBO-VISUAL	14
<b>2 METODOLOGIA</b>	18
2.1 SOBRE O <i>CORPUS</i>	18
<b>3 CULTURA NEGRA E IDENTIDADE</b>	25
<b>4 ALGUNS ELOS DA CADEIA DISCURSIVA</b>	28
4.1 O AMBIENTE ESCOLAR E A LEI 10.639/2003	29
4.2 O CABELO CRESPO EM ALGUMAS ESFERAS DA COMUNICAÇÃO	32
<b>5 ESSE CABELO É MEU? ANÁLISE DE ENUNCIADOS VERBO-VISUAIS SOBRE O CABELO CRESPO</b>	37
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	47
<b>REFERÊNCIAS</b>	49



## INTRODUÇÃO

“Alisar o cabelo é negar ser negro?” Essa provocação, que ouvimos durante uma conversa entre amigos, despertou o nosso interesse pelo estudo do cabelo crespo como signo ideológico. Durante a conversa, surgiram argumentos que sustentavam tanto a resposta positiva quanto a negativa para a referida pergunta. O que mais nos chamou atenção não foi, de fato, a questão da negação ou afirmação, mas os discursos que eram proferidos para defender uma ou outra ideia. A discussão sobre a evidência ou não de uma identidade negra a partir do cabelo nos sensibilizou para que percebêssemos esse assunto em diversas esferas.

Observamos que o teor daquela conversa tem estado presente em diversos ambientes, inclusive no digital. No *facebook*, uma das maiores redes de relacionamento da atualidade, discussões sobre o tema são frequentes e dividem opiniões. Percebemos, também, as referências que são feitas ao cabelo crespo nas músicas. Nos enunciados dessa esfera, o cabelo crespo é, comumente e naturalmente, comparado a elementos que podem depreciar a imagem de quem o possui.

Pensando em elaborar uma pesquisa para analisar os discursos na publicidade de cosméticos de alisamento de cabelo, buscamos algumas caixinhas dos cremes mais tradicionais. Porém, a partir de uma conversa com um colega (analista de discurso), recebemos a sugestão de observar, pensar um pouco no enunciado “Não é mega, é meu!”, veiculado pelo Instituto Beleza Natural, instituto que é voltado para pessoas que possuem cabelos crespos e cacheados. Como cliente desse instituto, naquele momento, começamos a nos interessar pelos folhetos que, até então, circulavam em formato A4. Percebemos que estudar esses enunciados concretos poderia ser uma maneira alternativa, como o próprio salão se classifica, de analisar os enunciados que circulam sobre o cabelo crespo.

A partir de todo esse contexto, começamos a perceber que o cabelo para a comunidade negra é um signo e, como afirmam Bakhtin/Volichínov ([1929] 2009) “Todo signo é ideológico.”. Afirmamos, então, que o próprio objeto de estudo deste trabalho nos remeteu a Análise Dialógica do Discurso (doravante, ADD).

A teoria discursiva que embasa este trabalho é depreendida da obra Mikhail Bakhtin e do Círculo. Esse pensamento influenciou diversas áreas do saber. Cunha (2005, p. 291) ressalta que “[...] a reflexão bakhtiniana não se limitou à literatura ou à linguística, mas fez incursões em diversos domínios – sociologia, epistemologia, história da cultura, antropologia filosófica etc.”.

Em diálogo com essa fundamentação voltada à linguagem utilizaremos também os conceitos de Cultura e Identidade. (OLIVEIRA, 2003. HALL, [1992] 2011; 2000. MOURA 2005).

O primeiro capítulo deste trabalho apresenta a ADD. Nele buscamos destacar os principais tópicos que são relevantes para a nossa pesquisa, como o surgimento da ADD, observações sobre a teoria dialógica e nosso objeto de estudo e alguns conceitos que foram destacados no *corpus*.

No capítulo seguinte, apresentamos a ordem metodológica do trabalho e, também, os folhetos dos quais fizemos o recorte de análise. Descrevemos a materialidade desses folhetos, pois esse é o primeiro passo da metodologia bakhtiniana.

Há, ainda, um capítulo sobre cultura e identidade onde trazemos o discurso de alguns pesquisadores que falam sobre esses dois conceitos indissociáveis e que são importantes para a nossa reflexão.

O quarto capítulo contextualiza o nosso trabalho, ao apresentar alguns elos presentes na cadeia discursiva em que circula o signo cabelo crespo. Assim, mencionamos alguns fatos históricos que julgamos importantes e tecemos algumas reflexões sobre as esferas da atividade em que esse signo, o cabelo crespo, é acionado.

No capítulo de análise, buscamos identificar as relações dialógicas entre os enunciados materializados no *corpus* e alguns elos precedentes a ele.

As contribuições bakhtinianas para uma teoria/análise dialógica do discurso, sem configurar uma proposta fechada e linearmente organizada, constituem de fato um corpo de conceitos, noções e categorias que especificam a *postura dialógica* diante do *corpus discursivo*, da metodologia e do pesquisador. A pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpretam e se interdefinem, e do compromisso ético do pesquisador com o objeto, que, dessa perspectiva, é um sujeito histórico.

(Beth Brait)

## 1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

A Análise Dialógica do Discurso é a teoria que utilizamos para conversar com o *corpus* deste trabalho. A ADD possui como base o pensamento bakhtiniano que, segundo Brait (2006, p. 09-10), “representa, hoje, uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem.”. Essa teoria, que também é conhecida como Análise do Discurso Bakhtiniana, não foi formalmente proposta por Bakhtin. O que motivou o seu nascimento foi o conjunto de obras do Círculo<sup>4</sup>, elaborado a partir de uma “[...] perspectiva cujas influências são visíveis nos estudos linguísticos e literários e, também, nas Ciências Humanas, de maneira geral.”. (BRAIT, 2006, p. 10).

A autora destaca que o primeiro momento em que podemos depreender a proposição de uma análise/teoria dialógica do discurso foi o início do capítulo *O discurso em Dostoiévski*, presente na obra *Problemas da Poética em Dostoiévski* (PPD). Nesse capítulo, Bakhtin ([1963] 2010, p. 207) afirma:

Intitulamos este capítulo “O discurso em Dostoiévski” porque temos em vista *o discurso*, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da Linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso.

No momento em que a obra citada acima foi publicada, Bakhtin propôs análises situadas na metalinguística. Os aspectos importantes para essa nova teoria seriam os que usualmente são abstraídos pela linguística. Assim, o objetivo de Bakhtin era desenvolver um estudo dos aspectos da vida do discurso que ultrapassassem os limites da linguística.

Embora a “nova” teoria se interesse também pelos fenômenos que não são estritamente linguísticos, em diversos momentos da obra do Círculo há sinalizações para o fato de a linguística não ser excluída dos estudos propostos pelos pensadores russos, mas que sejam utilizados e aplicados os seus resultados.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, por exemplo, afirma-se que a ordem metodológica para o estudo da língua deve ser:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.

---

<sup>4</sup> Faraco (2009, p. 13) lembra que “essa denominação foi-lhes atribuída *a posteriori* pelos estudiosos de seus trabalhos, já que o próprio grupo não a usava.”.

2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.

3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2009, p. 129)

Essa ordem metodológica dialoga com outra passagem da obra já citada (PPD) em que se afirma que os resultados da linguística e da metalinguística devem completar-se mutuamente.

Enfim, não devemos excluir a linguística dos estudos discursivos, como lembra Brait(2006), porque são os aspectos linguísticos como a possibilidade de analisar campos semânticos, descrever e analisar a sintaxe, reconhecer e recuperar marcas e articulações que caracterizam o discurso etc. que têm importância para os fins da abordagem dialógica. Assim, afirmar que a ADD ultrapassa os resultados obtidos pela linguística não significa dizer que esta disciplina não seja importante para a análise dialógica. No entanto, a análise da materialidade, linguística ou visual, é apenas um momento da análise dialógica.

A teoria recebe o nome de dialógica pois é essa noção que funda a concepção bakhtiniana de linguagem (FIORIN, 2008, p. 18). O dialogismo, segundo Fiorin (2008), “é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado.” Todo enunciado é dialógico, pois “ele revela duas ou mais posições, a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói.” (ibid., p. 24). O enunciado se constrói a partir de enunciados já existentes negando-os ou afirmando-os.

A ADD possui como embasamento constitutivo:

[...] a relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável [...] esse embasamento constitutivo diz respeito a uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados. (BRAIT, 2006, p. 10).

A análise da relação citada acima é feita através das relações dialógicas implicadas nos discursos. Discurso, nessa teoria, pode ser entendido como “uma rede de relações dialógicas” (BRAIT, 2009, p. 145)

## 1.1 O OBJETO DE ESTUDO DA ADD: AS RELAÇÕES DIALÓGICAS

As relações dialógicas, como já mencionamos, são o objeto de estudo da teoria que embasa esta pesquisa. Essas são consideradas extralinguísticas (BAKHTIN, [1963] 2010). Apesar disso, afirma-se que elas não podem ser desassociadas do campo do discurso, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral completo. Para que as relações sejam consideradas dialógicas é preciso que haja a materialização das relações lógicas e concreto-semânticas. Para que essas se tornem dialógicas é preciso que se tornem enunciados, ganhem autor, pois o autor dará ao enunciado o sentido de acordo com a posição ocupada por ele.

Bakhtin ([1963] 2010, p. 209) declara que “Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego ( a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas.” Afirmar que um enunciado é dialógico é relacioná-lo com o que já foi dito e com o que será feito depois dele. Toda a vida da linguagem se relaciona com o discurso de outrem, seja uma simples conversa entre familiares ou uma produção acadêmica. A linguagem sempre se constrói a partir dos discursos já existentes.

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. (BAKHTIN, [1934-1935] 1998, p. 88)

As relações dialógicas não se restringem a enunciados integrais. Bakhtin ressalta que o enfoque dialógico é possível até mesmo numa palavra (caso não esteja interpretada como uma palavra isolada na língua), “mas como signo da posição semântica do outro, como representante de um outro enunciado, ou seja, se ouvimos nela a voz do outro.” ([1963] 2010, p. 210)

Quando falamos das relações dialógicas se torna relevante falar sobre sujeito. O próprio conceito de relações dialógicas nos remete a um sujeito que se constitui a partir da sua relação com outro. Um sujeito que não é único, embora Bakhtin ([1934-1935] 1998, p. 75) reconheça sua individualidade no que diz respeito ao estilo. Assim, se constrói “ [...] a individualidade do locutor que é reconhecida como o fator que forma o estilo e que transforma o fenômeno linguístico e verbal em unidade estilística.” Porém, quando falamos do sujeito enquanto ser que participa e responde aos enunciados, dizemos que ele não é origem. O sujeito na ADD está privado dessa característica, como declara Bakhtin “Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado,

somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua-orientação dialógica do discurso alheio para o objeto.” ([1934-1935] 1998, p. 88).

## 1.2 DO SIGNO IDEOLÓGICO AO VERBO-VISUAL

Para a ADD, o discurso, está sempre associado à ideologia. O que é ideológico remete a algo fora de si mesmo, como afirma Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009, p. 31), “[...] tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*.” Os signos são:

[...] objetos naturais, específicos, [...], todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2009, p. 32)

Constatamos que qualquer elemento pode se tornar um signo ideológico: um instrumento de produção, um produto de consumo etc. Neste trabalho, o signo ideológico o qual analisamos é o cabelo crespo, que pode ser considerado como tal por ser carregado de uma determinada ideologia, de uma significação que está além do cabelo como auxiliar da estética: como signo ideológico, ele passa a ter outra significação e representação para um determinado grupo. “Converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2009, p. 31)

O surgimento de um signo não acontece aleatoriamente. Para que algo se torne um elemento ideológico, é fundamental que haja indivíduos organizados socialmente. É necessário um grupo que compartilhe da mesma ideologia, para que haja a promoção do signo. Assim, o cabelo crespo isoladamente, tomado como algo referente à estética, não representaria uma ideologia se não houvesse grupos para promovê-lo enquanto símbolo<sup>5</sup> de resistência.

É importante ressaltar, conforme Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009), que nenhum signo é inteiramente substituído por palavras – ou em qualquer materialidade sígnica -, ou seja, nenhum discurso representará da mesma maneira um ritual religioso, o pão e o vinho,

---

<sup>5</sup> Utilizamos a palavra símbolo como sinônimo de signo e não fazendo referência ao conceito de signo postulado pela semiótica.

uma escultura etc. Mas sabemos que é nas palavras que ele se apoia. Desse modo, o objeto da nossa análise é o signo ideológico cabelo crespo em enunciados que circulam sobre ele.

Enunciados concretos como os que compõem nosso *corpus* estão presentes em diversos campos da atividade humana e através deles torna-se possível percebermos as relações dialógicas presentes nos discursos. Bakhtin ([1951-1953] 2011, p. 289) afirma que “todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva”, ou seja, “deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui a palavra resposta é no sentido amplo); ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-se como conhecidos, de certo modo os leva em conta.” Os enunciados não podem ser desvinculados da vida, não podem ser tomados como um fenômeno puramente linguístico. Temos de situá-los no seu contexto extraverbal. Entretanto,

[...] a situação extraverbal está longe de ser meramente a causa externa de um enunciado – ela não age sobre o enunciado de fora, como se fosse uma força mecânica. Melhor dizendo, a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação. Conseqüentemente, um enunciado concreto como um todo significativo compreende duas partes: (1) a parte percebida ou realizada em palavras e (2) a parte presumida. (VOLOCHÍNOV, [1926] 1976, p.02)

A primeira parte que o autor identifica refere-se à materialidade linguística (aquilo que foi falado ou escrito). A segunda relaciona-se com o que presumimos e isso, explica Volochínov (1926) mais adiante, pode ser comparado a um entimema. O entimema é uma forma de silogismo<sup>6</sup> em que uma das premissas não é expressa, mas presumida. Fazemos isso a partir da materialidade linguística. Um exemplo clássico de entimema: “Sócrates é um homem, portanto é mortal.” A premissa presumida: “Todos os homens são mortais”. A premissa presumida acaba se incorporando ao enunciado, completando-o e, muitas vezes, evitando que a conclusão alcançada seja enunciada.

Além de situar os enunciados no contexto extraverbal e, antes mesmo de analisá-los, é importante e preciso que seja feito um reconhecimento do gênero discursivo em que eles se apresentam.

Os Gêneros do Discurso (doravante GD) são definidos por Bakhtin ([1951-1953] 2011, p. 262) como “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Eles surgem nas diversas

---

<sup>6</sup> O **silogismo** é um termo proveniente do grego antigo e significa “raciocínio”, é uma palavra muito utilizada no meio filosófico, principalmente nos estudos realizados por Aristóteles.



esferas da atividade humana a partir da necessidade de comunicação entre seus interlocutores. Por isso, seu desenvolvimento é contínuo e ininterrupto, fazendo com que frequentemente surjam novos gêneros.

Toda pesquisa que opera com enunciados concretos deve conhecer a natureza deles e as suas relações com os diversos GD, caso contrário as pesquisas “redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida.” (BAKHTIN, [1951-1953] 2011, p. 265). Da mesma maneira que consideramos a historicidade do enunciado, para que entendamos sua organização e os possíveis sentidos neles presentes, devemos considerar o Gênero do Discurso em que ele se apresenta.

Neste trabalho, é importante falarmos sobre uma característica dos GD: o hibridismo. Uma construção híbrida é, basicamente, aquela em que um gênero recebe influência de outro gênero. Essa influência pode ser na sintaxe, no enunciado, no estilo etc. Bakhtin ([1934-1935] 1998, p. 110) define hibridismo como:

[...] o enunciado que, segundo índices gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertence a um único falante, mas onde, na realidade, estão confundidos dois enunciados, dois modos de falar, dois estilos, duas “linguagens”, duas perspectivas semânticas e axiológicas.

Bakhtin ([1934-1935] 1998) afirma que não há uma fronteira entre o gênero dominante e aquele que o influencia. O hibridismo despertou seu interesse porque até não havia estudos sobre as particularidades estilísticas do discurso do romance. No capítulo intitulado *A estilística contemporânea e o romance*, o pensador russo aponta o romance como objeto apenas de análises abstratamente ideológicas e de apreciação publicistas, até o século XX.

No final desse século, “[...] em contraposição à análise abstratamente ideológica, houve um renascimento do interesse pelas questões concretas da prosa na arte literária e pelos problemas técnicos do romance e da novela.” (BAKHTIN, [1934-1935] 1998, p. 72) Porém, os críticos deixaram de lado estudos que atendessem à estilística e passaram a focar nos problemas de composição. Isso fez com que estudos que redundavam em observações sobre a língua continuassem predominando.

Ainda segundo Bakhtin, a situação só se modifica em 1920, momento em que o discurso romanescos começa a conquistar seu lugar na estilística. O que os pesquisadores fazem, nesse momento, é uma abordagem do diálogo social específico das linguagens do romance. O romance passa a ser considerado como portador de uma diversidade social de linguagens. “O discurso do autor, os discursos dos narradores, os gêneros intercalados, os

discursos das personagens não passam de unidades básicas de composição com a ajuda das quais o plurilinguismo se introduz no romance.” ([1934-1935] 1998, p. 75) O romance, assim como qualquer outro gênero, não poderia ser homogêneo, pois como já vimos no tópico anterior, toda vida da linguagem está impregnada de relações dialógicas.

As relações dialógicas não estão presentes somente nos enunciados verbais, mas também na composição de enunciados sonoros e visuais. Como afirma Bakhtin “[...] numa abordagem ampla [...] as relações dialógicas são possíveis entre imagens de outras artes, mas essas relações ultrapassam os limites da metalinguística”. ([1963] 2010, p. 211).

A noção de verbo-visual tem sido utilizada na ADD. Essa noção não foi postulada por Bakhtin, mas foi depreendida da obra (PPD) onde está presente a citação acima. Pesquisadores como Beth Brait, Adriana Pucci Penteadó de Faria e Silva (2010), Maria Inês Batista Campos (2002), Adail Sobral (2006) utilizam nos seus trabalhos o conceito de relações dialógicas estendidas para o campo do verbo-visual.

Analisar a visualidade presente em determinado GD é importante, pois ela pode completar, complementar, afirmar, negar ou contradizer o que está materializado verbalmente. No trabalho publicado por Silva (2008), por exemplo, a visualidade entra em contradição com o verbal. Nessa pesquisa são apresentados alguns trechos dos relatórios de um atendimento psicopedagógico em que a entrevistada narra suas dificuldades no ensino superior e a sua conturbada relação com o pai. Em determinado momento, a entrevistada fala sobre sua relação com o pai e diz que é uma relação distante, porém faz um gesto contraditório: “[...] para dizer que ela e o pai são muito distantes, juntou os dedos indicadores, friccionando um no outro.” (SILVA, 2008. p. 22). Sabemos que tal gesto é interpretado como indicador de proximidade, ainda que conflitante, mostrando a contradição entre o que é dito e gesticulado. Isso revela que a possibilidade de analisar a visualidade nos permite identificar detalhes que nem sempre estão presentes no verbal. Assim, em alguns momentos o verbal e o visual são indissociáveis para percebermos o embate entre os discursos.

Em determinados textos ou conjuntos de textos, artísticos ou não, a articulação entre os elementos verbais e visuais forma um conhecimento indissolúvel, cuja unidade exige do analista o reconhecimento dessa particularidade. São textos em que a verbo-visualidade se apresenta como constitutiva, impossibilitando o tratamento excludente do verbal ou do visual e, em especial, das formas de junção assumidas por essas dimensões para produzir sentido. (BRAIT, 2009, p. 143)

Ignorar a visualidade presente no objeto de análise é algo que pode reduzir as possibilidades de interpretação.

## 2 METODOLOGIA

Podemos entender que há uma indicação metodológica para pesquisadores que adotam a ADD como teoria. Na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin/Volochínov afirmam que, para fazer uma análise de enunciados concretos, devemos iniciar pelas formas, e os tipos de interação verbal, passando pelas formas das distintas enunciações e, a partir disso, examinar a língua de acordo com a linguística habitual. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2009, p. 129). É essa metodologia que seguiremos para atingir o resultado desta pesquisa: analisar os discursos que circulam sobre o cabelo crespo na esfera publicitária. Outro aspecto que não pode ser excluído é a historicidade, seja dos enunciados ou dos gêneros discursivos. Esse aspecto é de extrema importância para que possamos dar início a qualquer análise que tem como ferramenta teórico-metodológica a ADD.

A Análise do Discurso Bakhtiniana apresenta diversos conceitos que auxiliam na análise do que estudamos. Porém, como todo pesquisador, optamos por utilizar aqueles que mais se relacionam com o *corpus*. São eles: signo ideológico; enunciado concreto; gêneros do discurso; hibridismo. Na análise, utilizaremos também a noção de verbo-visual que se insere na ADD, porém não foi postulada por Bakhtin, como já mencionamos anteriormente.

Entender os elos presentes na cadeia discursiva é de extrema importância, pois só assim conseguiremos analisar os discursos que circularam e ainda circulam sobre o nosso objeto. É preciso, então, que façamos uma pesquisa histórica buscando as relações que se ligam aos enunciados que serão analisados, pois ignorar os enunciados precedentes a esses é excluir toda cadeia discursiva. Assim, além da ADD e do recorte histórico que será apresentado neste trabalho, abordaremos também os conceitos de Cultura e Identidade.

### 2.1 SOBRE O *CORPUS*

O *corpus* deste trabalho é composto por dois folhetos do Instituto Beleza Natural. O IBN foi fundado na cidade do Rio de Janeiro, no início dos anos de 1990. Este salão tem como objetivo tratar os cabelos crespos de modo alternativo, com o chamado super-relaxante, fórmula desenvolvida por uma das sócias do salão. Diz-se alternativo, pois, segundo a

publicidade deste salão, o produto utilizado não tem o mesmo objetivo que a maioria das químicas voltadas para o cabelo crespo que é alisar.

Os folhetos que foram selecionados para a análise são intitulados “Não é mega, é meu!” e “Na onda do blackpower”. Analisaremos duas matérias em cada folheto, sem perder de vista a totalidade verbo-visual deles.

Os folhetos recebem o nome *Segredinhos da Zica* e são encontrados no *blog* do Instituto Beleza Natural (IBN) e atualizados semanalmente. Ressaltamos que até 2010, esses folhetos eram publicados em formato A4 e eram distribuídos nas sedes/filiais do Instituto.

Abaixo a estrutura do folheto:

Nome do folheto: Segredinhos da Zica (A1)		VISUAL	Breve apresentação de quem é Zica.
VISUAL	<p><b>Matéria principal (A2):</b> Em todos os folhetos selecionados, este espaço é utilizado para dar dicas de como cuidar do cabelo.</p>		<p><b>Transformação (A5)</b></p> <p>VISUAL</p> <p>enviam suas fotos do antes X depois e contam como foi o “encontro” com o IBN.</p>
Tire suas dúvidas (A3): as pessoas enviam cartas ou <i>e-mails</i> para tirar suas dúvidas. Percebemos que, na maioria dos folhetos, são expostas dúvidas de pessoas que ainda não são clientes.			
VISUAL	<p><b>Dicas (A4):</b> neste espaço, são tratados diversos assuntos relacionados à beleza (pele, unha, lábios etc.).</p>		VISUAL

QUADRO1

Seção	A1	A2	A3	A4	A5
<b>Cores</b>	CF: Branco. Destaque para o nome de Zica em rosa e letra cursiva.	CF: rosa claro; título: preto em negrito.	CF: rosa claro; título: caixa alta em branco.	CF: laranja; título: branco.	CF: amarelo; título: preto.

QUADRO 2

Os folhetos que compõem o *corpus* deste trabalho:

# Segredinhos da

# Zica

www.belezanatural.com.br



**HELOISA ASSIS**, a Zica, é sócia do Instituto Beleza Natural, e tem um encontro marcado com você todas as terças-feiras para dar dicas de como cuidar da beleza de dentro e de fora.



▶ Laila é a garota-propaganda do Beleza Natural em Salvador

## Não é mega, é meu!

Clá querida leitora! Há seis meses estamos funcionando a pleno vapor em Salvador! O Beleza Natural está fazendo a cabeça de muitas baianas com o Super-Relaxante, as hidratações inovadoras e os produtos para cuidar das madeixas em casa. Porém, quando as pessoas vêem um cabelo cacheado e bem tratado por lá, acreditam logo que seja um implante ou megahair. Elas não estão acostumadas a ver um cacho natural balançando ao vento.

Para provar que os cabelos tratados no Beleza Natural são de verdade, gravamos um comercial que irá passar na Bahia com a Laila (foto), mostrando que o cabelo dela é de verdade. No vídeo ela fala o slogan "Não é mega, é meu!", depois que algumas mulheres passam por ela e duvidam que seu cabelo seja verdadeiro. Essa é a liberdade de escolha que a mulher tem para usar o cabelo como gosta, sem precisar de muitos truques mirabolantes para deixá-lo bonito.

Semana que vem o Beleza Natural completa 17 anos. Vamos comemorar!! Um beijo,



TIRE SUAS DÚVIDAS

Oi Zica. Meu cabelo é cacheado e fino, já fiz escova progressiva e há dois meses passei guanidina, mas ele não está mais cacheando. A raiz já cresceu e está cacheada, mas as pontas não enrolam. Por favor, me indique um kit

para que eu possa usar com xampu, condicionador, hidratação e creme de pentear. Grata, Mércia Leite - Rio de Janeiro

Oi Mércia, Na verdade, as pontas de seu cabelo estão alisadas pelo efeito dos tratamentos anteriores que você fez. O seu cabelo ainda tem estrutura cacheada, pois ele cacheia na raiz. Experimente um tratamento que ajude a dar maciez aos seus fios, mas que não altere o formato dele, alisando. Você pode usar o Kit do Beleza Natural com Xampu e Condicionador Água, Creme de Tratamento Tradicional e Creme de Pentear Tradicional.

Envie sua cartinha para a Caixa Postal 37023, CEP: 22621-971 ou mande um e-mail para [segredinhoszica@belezanatural.com.br](mailto:segredinhoszica@belezanatural.com.br). Espero e sua mensagem!



▶ Dicas

### Hidrate os lábios no inverno

O tempo frio e ar seco podem deixar os lábios rachados e secos. Comparada com a pele do rosto, a boca é dez vezes mais vulnerável ao ressecamento. Por isso, evite retirar a pele solta dos lábios mordendo ou esfregando com as mãos. Lamber os lábios pensando que irá hidratar-los também não é o melhor remédio. A saliva faz com que eles ressequem ainda mais. Para evitar o ressecamento, beba muita água e use hidratantes específicos para os lábios. Os batons hidratantes também servem. É um bom produto para usar é a manteiga de cacau.

### Transformação



▶ ANTES

Clarissa dos Santos, de 16 anos, nunca fez nenhum tratamento químico nos fios. A estudante baiana usou o cabelo trançado por muitos anos, até que, na última semana, resolveu entregar seus fios ao Beleza Natural de Salvador. "Fui conferir tudo o que minha tia estava falando do bem desse salão. Resolvi fazer o Super-Relaxante para deixar meu cabelo com balanço e mais fácil de pentear", conta.

A verdadeira transformação não aconteceu somente nos fios de Clarissa, mas também em seu sorriso. "Senti uma enorme felicidade dentro de mim depois que meu cabelo ficou pronto. Nunca vi meus fios tão relaxados. Amei!!"



▶ DEPOIS

FIGURA 1

# Segredinhos da Zica

www.bezezanatural.com.br



**HELÔISA ASSIS**, a Zica, é sócia do Instituto Beleza Natural, e tem um encontro marcado com você todas as terças-feiras para dar dicas de como cuidar da beleza de dentro e fora.



**Na onda do Blackpower**

Olá, querida leitora!

Muita gente ainda acredita que para ter o cabelo no estilo blackpower é preciso que os fios estejam sem nenhum tratamento. Se você é daquelas que curte esse estilo, acredite: é possível ter um black bem diferente daquela imagem de cabelo ressecado. Para que os fios arrastem no brilho e no balanço, não se esqueça da manutenção em casa. Hidrate as madeixas duas vezes por semana, logo após o uso do xampu e do condicionador. Um corte mais curto também ajuda na hora de amarrar os fios. E, para que o resultado seja positivo, você precisa acertar na hora do penteado. Espalhe o creme de pentear nas mechas, começando da raiz em direção às pontas. Amasse os cachos com a mão em formato de concha. Esse movimento é super importante para dar definição ao cabelo. Depois, é só esperar os fios secarem naturalmente. Use o reparador de pontas para amassar os cachos novamente e soltar os fios. Black que é black precisa de liberdade. Liberte os seus cachos e arrase no estilo!

Beijos, Zica.

**Transformação**



**ANTES**

Beatriz Santos, de 25 anos, sofria com o cabelo sem definição. "Meus fios eram muito ressecados. Lembro que ia para escola sempre de trança ou rabo de cavalo", conta. Em busca de uma solução, ela experimentou a guanidina. "O cabelo ficou alisado, mas não por completo. Resolvi, então, tentar o permanente. Eu me achava linda na época, até que os fios começaram a arrebitar". Com medo de usar química novamente, ela ficou dois anos apenas fazendo escova, mas há quatro anos, Beatriz conheceu o Beleza Natural. "Me apaixonei pelo resultado do Super-Relaxante e abandonei de vez o prendedor. Me sinto livre, bonita e feliz", finaliza.



**DEPOIS**

**TIRE SUAS DÚVIDAS**

"Olá, Zica. Não uso química desde abril e, em dezembro, pretendo visitar o Beleza Natural. Querria saber o endereço e, se antes disso, poderia usar a Linha Hidraforce e o Kit de Manutenção para hidratar o cabelo?" — Evandra Fernandes, Petrópolis, RJ.

Olá, Evandra, tudo bem? Fiquei feliz em saber que você vai visitar o Beleza Natural em dezembro. Tenha a certeza que você vai começar o novo ano com muita autoestima. O Kit de Manutenção e a Linha Hidraforce vão ajudar bastante para que os seus fios fiquem hidratados e preparados para receber o Super-Relaxante. Para conhecer o Beleza Natural mais perto de sua casa, você pode acessar o nosso site no endereço [www.bezezanatural.com.br](http://www.bezezanatural.com.br). Outra opção é ligar para o telefone 0800 704 4446. Já estou na torcida pela sua transformação. Muitos beijos.

Envie sua carta para a Caixa Postal 37023, CEP: 22621-971 ou mande um e-mail para [segredinhosdaZica@bezezanatural.com.br](mailto:segredinhosdaZica@bezezanatural.com.br). Nosso SAC é 0800 704 44 46. Espero a sua mensagem!

**Dicas**

**Para secar os cachos**

Surgiu aquela festa e você, como sempre, quer arrasar. A dica é usar um secador com bico difusor. Para conseguir um bom resultado, não se esqueça do creme de pentear. O ideal é usar uma quantidade um pouco maior do que a habitual. Na hora de secar o cabelo, tente não manter o equipamento perto dos fios durante muito tempo. Depois, é só usar o reparador de pontas e ser feliz. Mas lembre-se: uma hidratação no dia seguinte será bem-vinda e o secador com bico difusor deve ser usado apenas em ocasiões especiais para que os seus fios não fiquem ressecados.

Um bom corte de cabelo e hidratação ajudam a manter o black lindo

FIGURA 2

Antes de decidirmos quais folhetos seriam analisados, fizemos um apanhado entre os treze folhetos selecionados no *site* onde eles estão disponíveis.

Os folhetos apresentados foram escolhidos dentre os treze, inicialmente pelo título: um porque remete a uma opção de alongamento do cabelo e o outro por remeter a um movimento que tinha o cabelo como símbolo de resistência. Embora os treze folhetos não estejam materializados neste trabalho, destacamos que a observação dos mesmos foi importante para concluirmos que a construção deles se dá de forma bem similar.



O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.

(Stuart Hall)

### 3 CULTURA NEGRA E IDENTIDADE

Neste trabalho, o cabelo crespo é entendido como um signo ideológico que participa da construção da identidade negra. Para refletir sobre identidade vamos tecer algumas considerações sobre o conceito de cultura.

Tal conceito, segundo Oliveira (2003) “é extremamente utilizado para compreender os fenômenos sociais, sobretudo aqueles que dizem respeito às singularidades dos povos e às relações entre eles. É utilizado, ainda, para entender as transformações estruturais no interior do qual estão alocados.” Ao falarmos sobre cultura negra, destaca o mesmo autor, não podemos descartar os signos produzidos historicamente pelos afrodescendentes, muito menos desconsiderar o contexto em que surgiram seus múltiplos significados.

Dentre esses signos produzidos e/ou eleitos pelos afrodescendentes, destacamos o corpo negro, sobretudo o cabelo. Acreditamos que o cabelo foi eleito como símbolo de resistência pela facilidade de manipulação. Assim, resistir a essa facilidade de “incorporar” um traço do outro no seu corpo é resistir a todo um sistema de opressão ao corpo negro.

No Brasil, há uma tentativa de desqualificar e inferiorizar o negro bem como todo o seu legado cultural. Assim, muitos classificam a música como ruim e barulhenta; a dança como estranha; a religião como demoníaca e o corpo como algo que precisa estar em constante melhora.

Além das questões relativas à relação entre cultura e identidade, percebemos, para os objetivos deste trabalho, a necessidade de pontuar uma entre identidade e identificação. Hall (2000) afirma que se deve utilizar o termo identificação caso se queira enfatizar o processo de subjetivação do sujeito, porém quando se pretende articular a relação entre sujeitos e práticas discursivas, deve-se utilizar o termo identidade. Este é o que será usado neste trabalho. Hall ([1992] 2011, p. 7) também postula que “[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.”. O autor apresenta, na obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, três concepções de identidade do sujeito. São elas: sujeito do Iluminismo; sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo, “[...] estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação [...] essa era uma concepção muito ‘individualista’ do sujeito e da sua identidade”. (HALL, [1992] 2011, p. 10)

A concepção do sujeito sociológico “refletia a complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’ [...]”. Hall diz ainda que:

G.H.Mead, C.H. Cooley e os interacionistas simbólicos são as figuras-chave na sociologia que elaboraram esta concepção ‘interativa’[...]. De acordo com essa visão, que se tornou a concepção clássica da questão, a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade. ([1992] 2011, p. 11)

A definição de sujeito sociológico dialoga diretamente com o sujeito da análise bakhtiniana, que é um sujeito que se constitui a partir da sua relação com o outro.

Nas últimas décadas, o outro, o (ex) colonizado, adentra a casa do metropolitano e lhe diz que ele, o metropolitano, também é um outro. O problema da alteridade que até os anos setenta havia sido pensado quase sempre em termos de mundo colonizado, é empurrado para dentro dos países industrializados, que haviam construído sua riqueza, em grande medida, através da colonização. O homem ocidental, branco, judeu/cristão, que pensou o mundo como se ele fosse o *um* e o outro fosse simplesmente o *outro*, agora se depara com a incômoda acusação de que ele, o homem ocidental, é o *outro* daquele outro, o colonizado. (MOURA, 2005, p. 80).

O sujeito fragmentado é o sujeito pós-moderno que não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente, como explica Hall:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. ([1992], 2011, p. 13)

O sujeito pós-moderno pode ser caracterizado metaforicamente como uma colcha de retalhos composta por tecidos de diferentes estampas. No jogo da questão identitária, destacamos o dilema vivido pela mulher negra: manter o seu cabelo como o signo ideológico cabelo crespo natural ou aderir à manipulação do cabelo. Nesse jogo, entra o embate entre duas identidades: ser mulher negra e ser mulher inserida num determinado padrão de beleza dominante. Na verdade, a instauração desse conflito significa que esse sujeito está refletindo sobre todos os elos que impõem o cabelo liso como sinônimo de belo.

Quando se analisa semelhante oração isolada costuma-se interpretá-la como enunciado acabado em alguma situação simplificada ao extremo: o sol realmente saiu e o falante constata: “O sol saiu”; o falante está vendo que a grama é verde e declara: “A grama é verde.” Semelhantes “comunicações” sem sentido costumam ser consideradas francamente como casos clássicos de uma oração. Em realidade, porém, toda informação semelhante dirige-se a alguém, é suscitada por alguma coisa, tem algum objetivo, ou seja, é um elo real na cadeia da comunicação discursiva em determinado campo da atividade humana ou da vida.

(Mikhail Bakhtin)

#### 4 ALGUNS ELOS DA CADEIA DISCURSIVA

Como já afirmamos, um dos aspectos que a Análise Dialógica do Discurso (ADD) prioriza é a historicidade. Sendo assim, trouxemos para o trabalho alguns momentos históricos que estão presentes na cadeia discursiva do signo cabelo crespo. Assim, citaremos alguns fatos que julgamos importantes, como: a escravização; a abolição; a luta dos movimentos negros a partir da década de 60; os produtos direcionados aos negros; a criança negra no ambiente escolar e a lei 10.639/2003.

O tráfico negreiro teve início ano 1532. Da África para o Novo Mundo vieram negros de várias origens. Segundo Silva (2012), “[...] a contabilidade oficial estima que, entre essa data e 1850, algo como cinco milhões de escravos negros entraram no Brasil. Porém, alguns historiadores calculam que pode ter sido o dobro.” Esse período é considerado por Munanga (2008) como a segunda diáspora em que “ [...] os africanos não saíram [da África] voluntariamente, foram sequestrados, amarrados, transportados e deportados, não podemos considerá-los como imigrantes porque eles não sabiam nem por onde iam, nem para onde estavam sendo levados, nem por que motivo.”

A maioria dos escravizados eram vendidos e tinham o preço definido pelas suas características físicas. Por isso, para manter uma “boa aparência”, “[...] lustravam seus dentes, raspavam os seus cabelos, aplicavam óleos para esconder doenças do corpo e fazer a pele brilhar, assim como eram engordados para garantir um bom preço.” (SILVA, 2012). Assim, constatamos que, desde o século XVI, há uma manipulação do corpo negro. Um corpo que historicamente precisa ser “melhorado” para ser aceito.

Foram mais de 380 anos de escravização. Anos que não foram aceitos de forma passiva. Ao contrário, muitos negros escravizados manifestavam sua insatisfação fugindo, formando quilombos ou, como sabemos, cometendo suicídio. Após a abolição da escravatura (1988), as lutas por uma sociedade igualitária e não preconceituosa se intensificaram.

Dando um salto histórico, podemos citar como uma dessas lutas o forte movimento a favor da descolonização dos países africanos, na década de 60.

Após a Segunda Guerra Mundial surgem movimentos interafricanos de libertação nacional que dialogam com o mundo, especificamente a França e a Grã-Bretanha. Estes movimentos como Negritude, o Pan-Africanismo e a OUA (Organização da Unidade Africana) causam uma repercussão em todo mundo, buscando que a África seja vista pelos olhos dos africanos e ao mesmo tempo influenciam os negros espalhados por todo o mundo para que passem a lutar por melhores condições de vida e a aquisição de direitos os quais antes não possuíam. Esse processo é a descoberta do africano como ele

mesmo e não mais como o outro como foi posto pelos colonizadores. (COUTINHO, p. 1-2, [200--])

Nesse momento, nos Estados Unidos da América, “a *Fuller Produces Company* faturava em torno de dez milhões de dólares com a venda de cremes para branquear a pele e alisar o cabelo, o que numa visão extremamente ingênua (ou oportunista!) da empresa, acabaria com a discriminação.” (MACEDO, [200-]). Em contrapartida, surgiam movimentos que buscavam mostrar orgulho nas características negras, entre esses destacamos o *blackpower*. Gregori (2010) diz que “O termo *blackpower* (em português, poder negro) vem do movimento negro mundial, que nasceu no final dos anos 1960, nos Estados Unidos. O movimento enfatizava o orgulho racial e a criação de instituições culturais e políticas que promovessem os interesses da população negra norte-americana. A expressão identifica também o penteado afro volumoso e arredondado, muito usado pelos negros nos anos 1970 [...]”. Nesse contexto, surge, também, o movimento *Black is beautiful* (Negro é lindo) que busca valorizar os traços diacríticos do povo negro.

A luta dos negros nos EUA, durante os anos de 1960, além de “[...] criticar, desafiar e alterar o racismo branco, sinalizavam a obsessão dos negros com o cabelo liso como um reflexo da mentalidade colonizada.”. (HOOKS, 2005) Percebemos, então, que o cabelo crespo se torna um símbolo de resistência para a população negra.

[...] alguns sujeitos e também alguns grupos do movimento negro vão apelar para a não-modificação dos sinais diacríticos presentes no corpo que remetem à ascendência africana. Por isso, alguns militantes negros são radicalmente contra as cirurgias plásticas para finar o nariz e o uso de produtos químicos no cabelo, por considerarem que tais iniciativas podem encobrir ou apagar aquilo que é considerado mais distintivo no negro. (GOMES, 2008, p. 126)

#### 4.1 O AMBIENTE ESCOLAR E A LEI 10.639/2003

Constatamos que é no ambiente escolar, um dos primeiros lugares onde as crianças se relacionam com o outro e passam a conviver com a diferença, que o cabelo crespo é associado a elementos que depreciam a sua imagem e a dos que o possuem. Na pesquisa realizada por Gomes (2008), revela-se que a maioria dos entrevistados, pessoas que frequentavam salões étnicos de Belo Horizonte, ao se reportarem ao corpo, relembra a história de vida e dá um destaque especial à própria trajetória escolar. “A trajetória escolar aparece em todos os depoimentos como um importante momento no processo de construção da identidade negra e,

lamentavelmente, reforçando estereótipos e representações negativas sobre esse segmento étnico/racial e o seu padrão estético.” (GOMES, 2002)

Os adjetivos associados ao cabelo mais frequentes na escola são: **pixaim**, **ruim**, **bombril** ou **duro**. Esses termos influenciam negativamente na autoestima da criança negra. Ana Célia da Silva (2010, p. 15) sinaliza que “As crianças negras na educação infantil iniciam o processo de autorrejeição do seu fenótipo enquanto as crianças brancas ou assemelhadas iniciam o processo de rejeição do outro diferente pela internalização de estereótipos inferiorizantes.”. Muitas vezes, os educadores e auxiliares presenciam situações de preconceito racial, porém eles não sabem como proceder em tal situação ou simplesmente tratam isso como uma simples “brincadeira” infantil.

Além disso, chamamos atenção para a falta/pouca representação do negro nos livros didáticos. Esse como confirmou Silva (2010) é um veiculador de estereótipos e preconceitos. Porém, através da mediação consciente e reflexiva do professor, sua utilização pode ser um bom instrumento gerador de senso crítico.

Nesse sentido, destacamos a importância que os futuros professores e os que já atuam em sala de aula conheçam e apliquem de maneira eficaz a Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira em todas as escolas brasileiras, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. Munanga (2008) ressalta que essa Lei

é uma conquista do movimento negro, porque ela não caiu do céu. [...] Mas a lei tem problemas para seu pleno funcionamento, porque tem resistência. Resistência de algumas escolas, de educadoras/es, que acham que a Lei está criando falsos problemas, pois consideram que o Brasil é um país mestiço, não se trata da cultura do negro do Brasil, não se trata da cultura da África. Tem essa questão da resistência, que explica porque a Lei não está funcionando.

A escola como um lugar de interação e de formação de cidadãos tem o papel de desenvolver estratégias que trabalhem com a diversidade e a aceitação de si e do outro. É preciso uma consciência e respeito pelos traços de negritude não só por parte dos alunos, mas também dos educadores, pois em alguns momentos as palavras que carregam um sentido pejorativo quando direcionadas ao cabelo crespo são proferidas pelos próprios educadores e auxiliares. Como destaca Malachias (2009, p. 12),

As assistentes, responsáveis pelo cuidar, que inclui dar banho e pentear, apelidaram algumas cabeças de “fuá”, provavelmente porque, para elas, esta palavra define o embaraço dos cabelos despenteados. Mas, na realidade, a palavra “fuá” apresenta vários significados: intriga, fuxico, caspa, doença de pele produzida por piolhos, pó finíssimo que se desprende da pele

arranhada... Estes significados não são positivos e reforçam pejorativa e negativamente a idéia de que as crianças afro-descendentes têm “cabelo ruim”.

Essa rejeição que a criança sofre, assim como a falta de representação do negro como belo, são alguns dos fatores que podem despertar o desejo de ter uma aparência distante da sua. Uma das formas mais recorrentes para isso começa pela cabeça, ou seja: o tratamento químico, a chapinha, a escova ou todos juntos. Nesse caso, o princípio de que a negritude está no cabelo acaba sendo desconstruído por alguns.

A decisão de qual método utilizar ou mesmo a coragem para a mudança nem sempre é fácil, mas são apoiadas nos discursos de que o cabelo crespo natural dá trabalho, nas piadas de que as crianças negras são vítimas desde a infância e no resultado que provavelmente será alcançado que muitas optam pela manipulação química. São diversas as reclamações das mães e das crianças. As primeiras reclamam do “trabalho” para desembaraçar e pentear os cabelos das filhas, as segundas reclamam dos puxões e das tranças que carregam.

Gomes (2008) nos apresenta a história de uma criança que é levada a um salão étnico para submeter o cabelo ao permanente-afro. Ela já é cliente do salão e, durante algum tempo, fez um tratamento até o cabelo estar preparado para receber a “solução dos seus problemas”. No grande dia de aplicação da química, elas passaram oito horas no salão de beleza.

A menina chorou muito. Primeiro de dor, por ter que destrançar o cabelo e depois de emoção ao ver que o creme alisara o seu cabelo. Quando o cabelo foi enrolado com bigodis para dar o efeito permanente a menina chorou novamente porque não queria que ele enrolasse e tomasse uma aparência anelada. Quando finalmente viu o resultado final da permanente tudo mudou. Ela se transformou em uma outra criança e ficou feliz com o cabelo. Balançava a cabeça e dizia: “Agora você pode soltar o cabelo, mãe?”. Por quê? Perguntei curiosa. A mãe me disse que ela e sua irmã não podiam soltar os longos cabelos anelados perto da filha quando esta não usava permanente-afro. (Diário de Campo, 11/5/2000) (GOMES, 2008, p. 155)

No início da citação, afirma-se que a criança destrançou o cabelo. Essa técnica de trançar o cabelo das crianças negras é muito comum. Principalmente quando elas ingressam no ambiente escolar. Percebemos no depoimento da mãe que há uma desidentificação da criança com o seu cabelo. Chorar ao saber que o seu cabelo será alisado é sinônimo de emoção ao conquistar algo que é muito desejado. Ao ficar feliz com o seu “novo” cabelo, a criança reforça a infelicidade que o cabelo crespo representa para alguns. A autorização da menina para que a mãe passe a usar o cabelo solto pode representar a sua liberdade que também liberta o outro, ou seja agora que ela possui um cabelo tão bonito quanto o da mãe, esta pode soltá-lo.



## 4.2 O CABELO CRESPO EM ALGUMAS ESFERAS DA COMUNICAÇÃO

O discurso que deprecia o cabelo crespo está presente em diversas esferas da comunicação. Para exemplificar, trazemos uma das diversas postagens que são feitas na rede social *facebook*.



FIGURA 3

A página que recebe o nome de *Jaciara Macumbeira*, por si só já é um aspecto para reflexão. A postagem diz: “A vida é dura, mas seu cabelo é mais!” O uso desse adjetivo, como já mencionamos, deprecia a imagem do cabelo crespo e o associa a algo ruim e difícil. Embora a página tenha um certo teor de humor, não podemos esquecer que é através do riso que o outro pode se sentir ridicularizado.

Com seis minutos após a publicação, a postagem já possuía cento e vinte e nove compartilhamentos, quinhentos e quarenta e quatro curtidas e centenas de comentários. A maioria desses eram com risos e marcações de amigos que nem sempre tinham o cabelo crespo. No primeiro comentário presente no *print* condena-se a atitude da personagem: “Jaci! Xô Preconceito, Gata!”. No último, uma pessoa marca as amigas e sugere que a postagem seja enviada para alguém: “manda pra menina do californibrondo da nossa sala kkk”. Publicações como a apresentada reforçam ainda mais o preconceito.

Na rede social citada, há inúmeras páginas e grupos que incentivam o uso do cabelo crespo<sup>7</sup>. Esses dão dicas de como cuidar do cabelo, recomendam o corte da parte alisada (o que elas chamam de *Big Chop* (BC) – grande corte) e publicam fotos e depoimentos de garotas que aprenderam a gostar do seu cabelo .

Como exemplo veja-se parte da página de um grupo chamado *Seu cabelo nossa identidade*, criado no *facebook*, que objetiva dar dicas sobre a estética negra tendo como foco o cabelo:

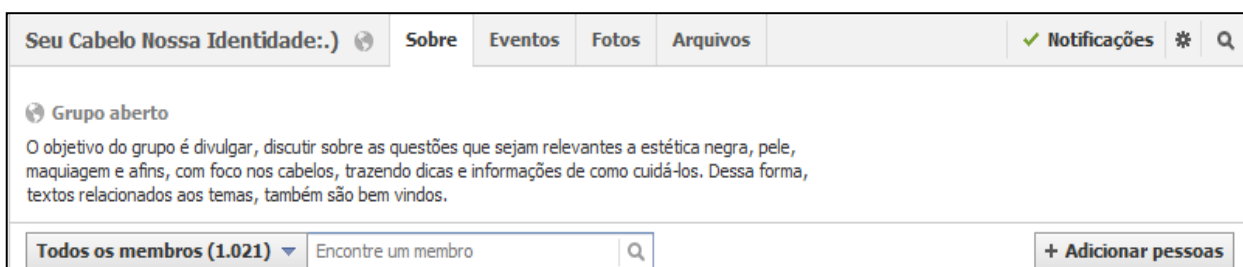


FIGURA 4

O ambiente de trabalho é um espaço onde, muitas vezes, o cabelo crespo é condenado. Algumas pessoas acreditam que para demonstrar uma boa aparência é preciso que se esteja

<sup>7</sup> Nas redes sociais, há um enorme movimento de incentivo ao uso do cabelo crespo, porém nem sempre esse incentivo é diretamente ao uso do cabelo como signo de resistência, mas sim o cabelo crespo naturalizado. Entendemos por naturalizado o cabelo que é manipulado quimicamente, porém tentam deixa-lo com aspecto de natural (o que nem sempre acontece!). Essa opção tem motivado muitas pessoas a abandonarem a prática de alisamento. Ressaltamos que, embora essas mulheres busquem uma maior aproximação com o seu cabelo, elas não dispensam essa técnica para utilizar seu cabelo natural. O que demonstra a não aceitação do cabelo crespo como ele é.

com o seu cabelo alisado. Ressaltamos que o cabelo crespo natural é tido, por alguns, como sinônimo de falta de cuidado com a aparência e também como sinônimo de sujeira<sup>8</sup>.

Em 2012, uma estudante acusou o colégio o qual ela estagiava de preconceito contra o seu cabelo crespo natural. Na escola, segundo a estagiária, pediram que ela alisasse o seu cabelo para que quando fosse recepcionar os pais estivesse com uma boa aparência. "Me diziam que o padrão lá era de cabelo liso", afirma Cesário (2008). Esse é um dos diversos casos relacionados à obrigatoriedade de utilização do cabelo alisado no ambiente de trabalho.

Uma outra esfera em que o cabelo é associado a elementos negativos é nas músicas. Seleccionamos algumas para exemplificar essa afirmação:

- (1) *Nega do **cabelo duro** Que não gosta de pentear*  
*Quando passa na baixa do tubo*  
*O negão começa a gritar...* (Fricote – Luiz Caldas, 1985)
- (2) *A menina de **cabelo duro** tá embaraçado não quer*  
*pentear (x2)*  
*A solução está nas minhas mãos pega a Pranchinha*  
*para melhorar (x2)* ( Pranchinha – Leva Nóiz, 2008)
- (3) *escova escova escova oh da uma escovadinha (bis uma vez)*  
*Oh menina bonitinha do **cabelo duro**,*  
*Compre um alisante pra ficar legal*  
*Se o alisante não der jeito nele*  
*O Psi vai mostrar como vai melhorar*  
*Escova, Escova, Escova*  
*Oi da uma escovadinha*  
*Escova, Escova, Escova*  
*Oi da uma escovadinha* (Escovadinha – PSIRICO, 2003)

Nos exemplos acima, há a associação que, frequentemente, é feita entre o cabelo crespo e duro. Quando associado ao cabelo, o adjetivo duro faz com que esse substantivo, no sintagma, assumam um significado de inferioridade em relação ao cabelo liso.

A letra de música (1) é nacionalmente conhecida e criticada por muitos militantes negros. Em (2) e (3), encontramos a *pranchinha*, a *escovadinha* e o *alisante* como símbolos de um padrão de beleza que tem se propagado atualmente e são eles que, segundo as músicas, irão melhorar o cabelo *duro*, *embaraçado*, *pixaim*.

---

<sup>8</sup> Não abordaremos os penteados, neste trabalho, mas vale ressaltar que estilos como *dreadlocks* ou *rastafari* são bastante associados à falta de higiene, sobretudo quando esses estilos estão num corpo negro.

O que nos chama atenção nos exemplos citados é o fato de essas músicas terem sido compostas e/ou cantadas por artistas de um dos estados que possui o maior número de negros do Brasil: a Bahia.

Acreditamos que essa visão, tanto das crianças quanto dos professores, empregadores, compositores etc, se deve à supervalorização histórica dos traços pertencentes aos não negros. A partir disso, surge como opção para se inserir num determinado padrão de beleza o tratamento químico, direcionado a pessoas que possuem: “cabelos grossos e resistentes”, “cabelos muito crespos e volumosos” prometendo: “alisar e deixar macio”, “deixar o cabelo com balanço e brilho sem agredir os fios”<sup>9</sup>. Neste trabalho, os enunciados analisados põem em foco essa opção de manipulação.

Para ter o cabelo prometido pelas caixinhas de alisantes, permanentes etc. muitas adolescentes, jovens e adultas se rendem à química, manipulando a estrutura do fio. São muitos os tratamentos que prometem resolver o problema (para os que acham que têm) do cabelo crespo, dentre eles está o Instituto Beleza Natural.

---

<sup>9</sup> Enunciados extraídos de caixas de cremes alisantes.

Muitos cortaram careca  
escorregaram na gosma de inúmeros alisantes  
ou se acariciaram com ferro em brasas sobre o  
couro  
cabeludo  
outros até à nuca  
desesperados se cobriram  
com as cavalares  
perucas  
e não adiantou nada  
por mais lucro havido  
na indústria de cosmético  
jamais o racismo  
mesmo com seu riso químico  
será ético  
neste comércio  
nutre-se  
da inferiorização constante e seu complexo.

*(Operação pente fino Cuti – Luiz Silva)*

## 5 ESSE CABELO É MEU? ANÁLISE DE ENUNCIADOS VERBO-VISUAIS SOBRE O CABELO CRESPO

O primeiro folheto com que trabalhamos foi nomeado “Não é mega, é meu!”. Como o próprio contexto do folheto nos indica, a chamada é utilizada para responder àqueles que não acreditavam que o cabelo tratado no IBN fosse verdadeiro, fosse próprio da pessoa. Essa chamada possui duas orações autônomas que recebem o nome de coordenadas. Essas, segundo Celso Cunha e Lindley Cintra (2008), têm um sentido próprio.

[sujeito] não é mega,/ [conectivo] [sujeito] é meu!

As orações são consideradas assindéticas, pois estão “simplesmente justapostas, isto é, colocadas uma ao lado da outra, sem qualquer conectivo que as enlace.” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 610). Esse tipo de estrutura pode contribuir para a criação de um sentido da espontaneidade, da naturalidade que é reforçado pelo tema que o folheto veicula, ou seja, pelo cabelo que, tratado quimicamente, parece natural. Embora o sujeito não esteja materializado na oração, podemos identificá-lo. Por isso classificamos o sujeito das duas orações como oculto. Essa identificação do cabelo como sujeito da oração se dá também pelo visual (FIGURA 5), onde vemos uma modelo com o cabelo cacheado sorrindo, mostrando a “beleza natural” do seu cabelo.

A oração, segundo Bakhtin ([1951-1953] 2011, p. 278), “carece de capacidade de determinar a resposta; ela ganha essa capacidade (ou melhor, familiariza-se com ela) apenas no conjunto do enunciado.”. Para que uma oração se torne enunciado é preciso que ela se materialize e ganhe autor. A partir do momento em que essa oração se torna enunciado, podemos analisar alguns elos presentes na sua cadeia discursiva. É o que fazemos quando temos essa oração materializada no GD folheto, possuindo como autor a publicidade de um instituto de beleza.



**Não é mega,  
é meu!**

Olá querida leitora! Há seis meses estamos funcionando a pleno vapor em Salvador! O Beleza Natural está fazendo a cabeça de muitas baianas com o Super-Relaxante, as hidratações inovadoras e os produtos para cuidar das madeixas em casa. Porém, quando as pessoas vêem um cabelo cacheado e bem tratado por lá, acreditam logo que seja um implante ou megahair. Elas não estão acostumadas a ver um cacho natural balançando ao vento.

Para provar que os cabelos tratados no Beleza Natural são de verdade, gravamos um comercial que irá passar na Bahia com a Laila (foto), mostrando que o cabelo dela é de verdade. No vídeo ela fala o slogan "Não é mega, é meu!", depois que algumas mulheres passam por ela e duvidam que seu cabelo seja verdadeiro. Essa é a liberdade de escolha que a mulher tem para usar o cabelo como gosta, sem precisar de muitos truques mirabolantes para deixá-lo bonito.

Semana que vem o Beleza Natural completa 17 anos. Vamos comemorar!! Um beijo,

► Laila é a garota-propaganda do Beleza Natural em Salvador

FIGURA 5

Em “Não é mega, é meu!” (A2), chama nossa atenção a relação dialógica presente no enunciado com o discurso sobre o *megahair*<sup>10</sup>, que numa abreviação é frequentemente chamado de *mega*. Na descrição da matéria que é intitulada com o enunciado em questão, há comentários do sucesso que o instituto, que até então tinha seis meses de inaugurado, estava fazendo em Salvador. Nessa matéria, dizem que a utilização da expressão “Não é mega, é meu!” tornou-se frequente, após as pessoas acreditarem que o cabelo tratado no IBN fosse *mega*. Identificamos, então, o surgimento de um enunciado para se contrapor a outro. Conforme Fiorin (2008, p.24) “Um enunciado é sempre heterogêneo, pois ele revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói.”

A possibilidade de identificação entre esse cabelo aplicado e o cabelo tratado no IBN se dá por algumas semelhanças como os cachos e o comprimento. Os cachos, sobretudo, já que nem todas as clientes possuem cabelos compridos.

<sup>10</sup> O *megahair* consiste na colagem de outro cabelo natural ou artificial.

Sabemos que o *mega* é visto como algo positivo e negativo. Positivo, porque realiza em curto prazo o sonho de algumas mulheres, como afirma Tissiane Vicentin, colunista do site Terra: “Ter um cabelão lindo e hidratado é o sonho de consumo da maioria das mulheres, mas conseguir que os fios cresçam bastante e continuem firmes e fortes é um desafio e tanto. Por esse motivo, muitas pessoas optam por ‘forjar’ esses fios longos com o conhecido *Megahair*.” Porém, essa opção pode custar caro. Segundo o *blog MegaHair*, dependendo da técnica utilizada, a aplicação do *mega* pode variar entre \$150,00 e \$1.000,00. Lembramos que esses valores não incluem o cabelo que será implantado.

Esse alto custo de implantação faz com que muitas pessoas optem por técnicas alternativas e que danificam o cabelo natural. Sobre isso, Manuela Pagan, escritora do *site* *minha vida*, cita algumas das desvantagens do *mega*: fio quebradiço, alergia no couro cabeludo, camadas muito marcadas, raiz com textura diferente, etc. Queda e ressecamento são alguns dos problemas mais comuns após o alongamento dos fios.

Mesmo com todos os problemas possíveis, muitas mulheres não deixam de utilizar o *mega* para ter o cabelo inserido em um determinado padrão de beleza. Na citação de Vicentin que apresentamos acima, ela afirma que o sonho da maioria das mulheres é ter um “cabelão” lindo e hidratado. Conforme os anúncios que são veiculados frequentemente sobre esse cabelo, raramente - e não seria exagero falarmos nunca- temos como representante dessa beleza e hidratação um cabelo crespo natural.

A expressão “Não é mega, é meu!” demonstra que, ao ter o resultado do seu produto confundido com o *megahair*, o IBN aproveita o que há de bom nessa técnica associando esse lado positivo ao super-relaxante (cabelo hidratado e, geralmente, muito cacheado). Nega, por outro lado, o que a técnica traz de negativo (o fato de o cabelo ser postiço). Nesse sentido, algo que podemos questionar é: até onde um cabelo quimicamente tratado continua sendo “verdadeiro”? Há, ainda, a admissão de que o cabelo tratado pelo IBN parece um *Megahair* (se preciso afirmar que “Não é mega”, é porque esse cabelo causa uma impressão de *Megahair*). Assim, podemos inferir que o desejo de ter um traço físico que não pareça o seu traço natural fomenta essa indústria.

Assim como outros procedimentos químicos, a utilização do *mega* pode ser caracterizada como um abandono do cabelo crespo para a adoção de um cabelo que se distancia do seu natural. Essa atitude pode ser efetivamente considerada como uma negação da identidade negra? Moura (2005, p. 79) questiona se haveria uma identidade e responde, afirmando que:

Não creio que esta seja uma boa opção, inclusive porque não faz sentido falar em *uma identidade* ou *a identidade* como uma coisa dada. O que se pode observar e



experimental são as identidades em interação, tanto em dinâmicas de consenso como em dinâmicas de conflito.

Assim, afirmamos que existe uma identidade negra, porém é possível que os sujeitos interajam com outras identidades que, como afirmou Moura, podem estar em consenso ou em conflito.

Ainda em A2, na materialidade visual<sup>11</sup>, vê-se garota-propaganda sorrindo. Essa ação, que está tão associada à satisfação, felicidade e autoestima reforça o sentido de que “fazer a cabeça” nesse instituto é algo que vai deixar a leitora tão feliz quanto a garota propaganda.

Ainda nesse folheto, outra seção que escolhemos para analisar foi Transformação (A5). Assim, notamos que o folheto traz aparentemente tanto o discurso do IBN quanto o discurso das suas clientes, já que no folheto há uma alternância entre uma primeira pessoa que se refere ao IBN (nós) e uma primeira pessoa que materializa a voz das clientes (eu), como nas seções A2 e A5. Em A2, por exemplo, encontramos: “estamos funcionando a pleno vapor em Salvador”, “gravamos um comercial”, “vamos comemorar”. Em A5: “fui conferir”, “Senti uma enorme felicidade.”.

Apesar de apresentar a voz das suas clientes, ressaltamos que a publicidade do IBN organiza esse folheto, portanto a voz dessa cliente é sempre filtrada. Ela está a serviço do discurso do IBN.

---

<sup>11</sup> Entendemos que a materialidade é verbo-visual, mas, para a organização da análise, em alguns momentos, teremos o foco no aspecto verbal ou no visual, sem perder a noção de que o sentido só emerge de sua articulação.

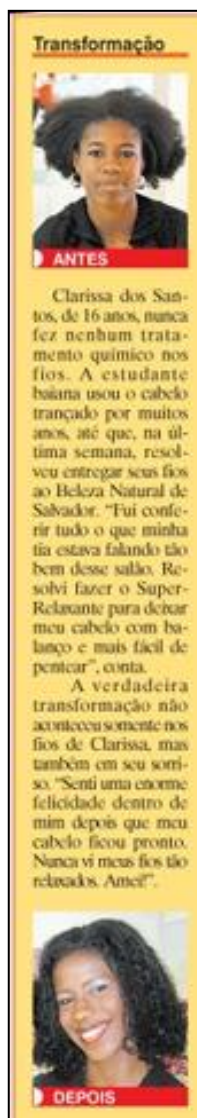


FIGURA 6

A personagem da matéria acima (C.S) dá o seu breve depoimento sobre a sua relação com o seu cabelo. Ela, diferentemente da maioria das clientes desse salão e até mesmo das meninas da sua idade (16), nunca teve a experiência de manipular o cabelo quimicamente. Ela utilizava o cabelo trançado (o que é considerado como um penteado afro). Após abandonar as tranças, resolve conhecer o IBN e diz: "Fui conhecer tudo o que minha tia estava falando tão bem desse salão. Resolvi fazer o super-relaxante para deixar meu cabelo com balanço e mais fácil de pentear".

O depoimento da recém-cliente é similar aos enunciados que são publicados pela indústria de cosméticos. Ao afirmar que agora o seu cabelo possui balanço e está mais fácil de pentear, indica que antes era **duro** e **difícil**. Esses adjetivos são utilizados frequentemente para

caracterizar o cabelo crespo e ajudam a fazer sobreviver na história à concepção de que o cabelo crespo natural é algo ruim.

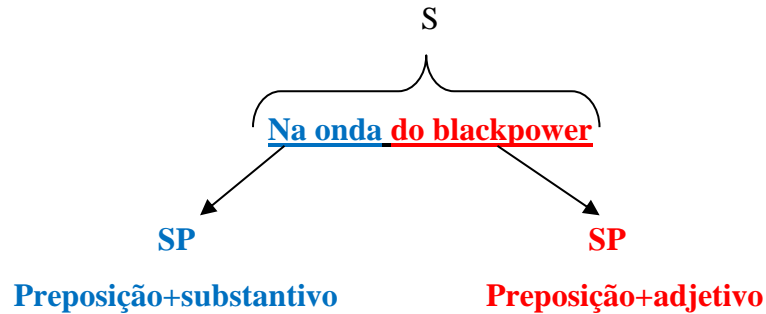
Entendemos que há, nesse enunciado, um importante sentido presumido, baseando-nos em Volochínov ([1926] 1976). A parte mostrada versa sobre a condição atual do cabelo e, a partir dessa descrição podemos presumir como ele era no passado.

Outra declaração reforça que o efeito do super-relaxante alavanca a autoestima da cliente e encontra-se no trecho: “Senti uma enorme felicidade dentro de mim depois que meu cabelo ficou pronto. Nunca vi meus fios tão relaxados.”. Assim como aconteceu com a criança que mencionamos no item 4.1, para essa cliente, a felicidade após ver o cabelo “pronto” demonstra a emoção de ter o cabelo bonito.

Através da fotografia do antes e depois, confirmamos o discurso da cliente em que antes do super-relaxante seu cabelo era duro e difícil de pentear. Para mostrar essa insatisfação, na foto do antes, ela não sorri, o cabelo está desarrumado (como se fosse utilizado assim diariamente), sem maquiagem. Na foto que mostra o resultado pós-relaxamento, ela sorri, o cabelo está penteado e ela está maquiada. O sentido do antes relacionado a uma condição negativa e do depois relacionado a um polo positivo constrói-se verbo-visualmente. Essa construção reforça o discurso de que o cabelo crespo presente na foto do “antes” é um cabelo caracterizado pelo adjetivo “ruim”.

Essa estética de colunas relacionando o “antes” e o “depois” remete ao gênero revista feminina. Muitas revistas direcionadas às mulheres, como a revista Claudia, fazem reportagens que mostram transformações estéticas. Nesse sentido, entendemos que o folheto do IBN assume, em sua forma composicional, algumas características das revistas femininas. Esse caráter híbrido da forma pode ter como efeito de sentido o apagamento do caráter publicitário e uma acentuação do caráter informativo do folheto, o que pode resultar numa interação específica com a leitora: não se veicula uma relação de compra e venda, mas uma “parceria”, uma relação de aconselhamento estético. Essa cumplicidade pode ser percebida no nome do folheto “Segredinhos da Zica”. O diminutivo “segredinhos” remete a uma relação de amizade entre o IBN e as suas clientes. Outro aspecto que remete a essa relação de proximidade são as seções A2 e A3. Ambas possuem a mesma cor de fundo que coloca a voz da Zica e a voz da cliente que escreve para tirar suas dúvidas no mesmo plano. É como se não houvesse fronteira entre a matéria que é o “segredinho” e a cliente. Ou seja, você também pode conhecer nossos segredos. Ressaltamos que o folheto possui quatro cores de fundo e a mesma cor foi utilizada nas seções já mencionadas.

O segundo folheto que escolhemos é o “Na onda do blackpower”. Esse enunciado é composto por Sintagmas Preposicionais (SP).



O primeiro sintagma “Na onda” indica algo que está vindo “com tudo” como a onda do mar vem. Algo está sendo frequente, que está moda. O segundo sintagma caracteriza o que traz essa onda: o *blackpower*.

**Na onda do  
Blackpower**

Olá, querida leitora!

Muita gente ainda acredita que para ter o cabelo no estilo blackpower é preciso que os fios estejam sem nenhum tratamento. Se você é daquelas que curte esse estilo, acredite: é possível ter um black bem diferente daquela imagem de cabelo ressecado. Para que os fios arrasem no brilho e no balanço, não se esqueça da manutenção em casa. Hidrate as mechas duas vezes por semana, logo após o uso do xampu e do condicionador. Um corte mais curto também ajuda na hora de armar os fios. E, para que o resultado seja positivo, você precisa acertar na hora do penteado. Espalhe o creme de pentear nas mechas, começando da raiz em direção às pontas. Amasse os cachos com a mão em formato de concha. Esse movimento é super importante para dar definição ao cabelo. Depois, é só esperar os fios secarem naturalmente. Use o reparador de pontas para amassar os cachos novamente e soltar os fios. Black que é black precisa de liberdade. Liberte os seus cachos e arrase no estilo!

Beijos, Zica

► Um bom corte de cabelo e hidratação ajudam a manter o black lindo

FIGURA 7

Identificamos algumas relações dialógicas estabelecidas entre o termo *blackpower* e outros enunciados presentes em cadeias discursivas em que o enunciado que estudamos pode estar inserido. Essas relações podem estar presentes mesmo numa palavra isolada como

mencionamos anteriormente (cf Bakhtin, [1963] 2010). Por estabelecer essas relações, percebemos que a manchete da matéria se relaciona com outras vozes.

O enunciado “Na onda do blackpower” faz referência ao movimento que, como já mencionamos, tinha como uma das bandeiras a valorização estética do negro. Os ativistas desse movimento “deixaram crescer os cabelos, usando os mesmo sem a intervenção de produtos químicos. Estava criado o ‘afro’ ou visual ‘blackpower’, que fez tanto sucesso entre os jovens negros e não negros entre os anos 1960 e 1970.” (MACEDO, [2003/2004]). O penteado afro que foi utilizado para demonstrar insatisfação com o padrão de beleza imposto adquire outro sentido quando se torna signo da publicidade de beleza.

Percebemos que a grande “sacada” da publicidade é aproximar o signo que representa determinada ideologia para a comunidade negra do cabelo manipulado quimicamente. Dessa forma, talvez, convencerá o seu leitor que essa ação não será uma “traição” a sua ideologia. É basicamente esse discurso (a ponta do *iceberg*) que convence muitas pessoas que possuem o cabelo crespo natural a se renderem ao produto que o IBN vende. Ressaltamos que o visual *blackpower* não se reduz à utilização do cabelo volumoso e para cima. O que define esse estilo é, basicamente, a sua naturalidade. O movimento *blackpower* conscientizava os negros de que não era preciso alisar o cabelo para se sentir bonito ou para ser aceito. Para que o corpo transmita a ideologia desse movimento, é preciso que o signo esteja presente, pois como postulam Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009, p. 33) “Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico.”

Do A2, separamos alguns trechos verbais da matéria que comparam o *black* natural e o naturalizado.

“[...] é possível ter um black bem diferente daquela imagem de cabelo ressecado.” Esse trecho dialoga diretamente com os discursos que circulam sobre o cabelo crespo na esfera publicitária. A afirmação de que é possível ter um cabelo que não possua a imagem de ressecado (que pode significar feio, sem vida) deixa evidente a ideia que esses sujeitos possuem do cabelo crespo natural. Ideia que é difundida por eles e passa a fazer parte do discurso do senso comum.

Outro trecho que destacamos foi: “Black que é black precisa de liberdade. Liberte seus cachos e arrase no estilo.”. Esse é o que mais se contrapõe à ideia postulada pelo movimento *blackpower*. A utilização do *black* já indica liberdade em relação ao que é imposto como cabelo bonito. Para esse movimento, liberdade é não precisar ter o cabelo preso a químicas. É buscar ser aceito com os seus traços diacríticos que representam ideologia e cultura.

Liberdade é não estar preso a padrões que determinam como ser e como estar para ser aceito na sociedade. Durante os anos 1960, “os penteados afro, principalmente o black, entraram na moda como um símbolo de resistência cultural à opressão racista e fora considerado uma celebração da condição de ser negro(a).” (HOOKS, 2005)

A segunda seção analisada é A5. Nela, uma cliente conta os percalços por que passou até encontrar algo que a deixaria satisfeita com o resultado do seu cabelo.



FIGURA 8

Essa personagem conta que até encontrar o IBN utilizava os métodos mais tradicionais que aqueles que desejam manipular o cabelo utilizam: guanidina, permanente e escova. Ela também fala brevemente sobre a dificuldade de pentear o cabelo na infância: “Lembro que ia sempre para a escola de trança ou rabo de cavalo. Em busca de uma solução, ela experimentou guanidina.”.

A escola é, geralmente, o primeiro lugar que causa a preocupação das mães em relação ao cabelo da criança. Essas passam a se preocupar quando surgem os apelidos pejorativos ou quando comparam o seu cabelo com o de outras meninas de cabelo liso. Essa comparação é o que mais afeta a autoestima da criança que, por não se ver nos livros didáticos, por não ver princesas com cabelos crespos, sonha em ter um cabelo liso, por não estar satisfeita com o seu cabelo. A guanidina não satisfaz o desejo da cliente: seu cabelo ficou alisado. “Resolvi, então, tentar o permanente. Eu me achava linda...”. Aqui encontramos o tratamento químico como proporcionador de beleza e autoestima. Porém, esses duraram pouco tempo, pois o seu cabelo começou a partir. Outros tratamentos foram feitos até que ela conheceu o IBN. “ Me apaixonei pelo resultado do super-relaxante e abandonei de vez o prendedor. Me sinto livre, bonita e feliz.”. A paixão dura mais de quatro anos e fez com que B.S abandonasse o prendedor e se tornasse dependente do super-relaxante. A liberdade a que B.S se refere pode ser em relação ao cabelo **duro** e **difícil**. A felicidade proporcionada pelo resultado se assemelha a de C.S, analisada no folheto anterior.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos os conceitos da ADD, assim como aqueles que seriam mais relevantes para a compreensão da análise dos folhetos que compõem o *corpus* desta pesquisa. Mostramos, também, os conceitos de cultura e identidade que, dialogando com o recorte que fizemos dos fatos históricos, nos ajudaram a compreender como o cabelo crespo foi preterido ao longo da história e o porquê de ele ter sido eleito como símbolo de resistência e um símbolo ideológico para a comunidade negra.

Com a análise, constatamos que os discursos presentes nos folhetos do IBN dialogam com outros que apresentam o cabelo crespo como algo negativo. Embora esse instituto apresente um discurso de valorização do signo ideológico cabelo crespo, percebemos que essa valorização é superficial. Ao confrontar o que está materializado nos folhetos com os enunciados que circulam em diversas esferas, notamos que esses fazem parte de uma mesma cadeia discursiva que julga o cabelo crespo como algo a ser melhorado. Na articulação do verbal com o visual, vimos a representação da autoestima, da felicidade de estar bonita, “estar bem com o seu cabelo” através dos termos positivos e, também, do sorriso da modelo. Vimos, também, a insatisfação daquelas que ainda não experimentaram o super-relexante. Tal insatisfação que está representada na falta de sorriso e no cabelo despenteado indica que a felicidade e autoestima dependem de ter um cabelo “tratado”.

Não esquecemos que os enunciados analisados estão situados na esfera publicitária e essa tem como objetivo convencer as leitoras a se tornarem clientes do IBN. Porém, percebemos que o folheto é construído de modo a fazer circular o discurso de cumplicidade presente nas revistas femininas. O que também nos chamou atenção nessa esfera da comunicação foram os discursos que, em diversos momentos, se cruzam com aqueles presentes nas músicas, nas redes sociais, no ambiente escolar, com os discursos das clientes etc.

Ressaltamos que, embora o conteúdo analisado, remeta a uma insatisfação com o cabelo crespo não podemos afirmar que todas as pessoas que aderem a manipulação química são alienadas e estão negando a sua identidade negra. Como afirma Coutinho (p. 6, [20--]):

Acredita-se que a mulher negra e o homem negro podem se ver como negro e isso não impede que escolham a forma que quer ter sua imagem representada, pois nem todas as pessoas que assumem as tranças e cabelos blackpower têm consciência do porque fazem aquilo.



Consideramos, em todo momento, o cabelo crespo natural como signo ideológico e como um signo de resistência. Porém surge a questão: essa técnica alternativa de tratar o cabelo marcaria o surgimento de um novo signo ideológico? Durante o desenvolvimento deste trabalho, notamos uma grande migração de pessoas que possuíam cabelos alisados para utilizar os cabelos naturais ou naturalizados. Essa busca por um cabelo que se assemelha mais ao seu já não representaria uma negação ao padrão cabelo liso? A voz dessas clientes sem o filtro da publicidade demonstraria a mesma satisfação apresentada nos folhetos? Essas são algumas questões sobre as quais pretendemos refletir em nossa futura trajetória de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. [1951-1953] Gêneros do Discurso. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-270.
- \_\_\_\_\_. [1963] *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- \_\_\_\_\_. [1934-1935] O discurso no romance. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Bernadini et al. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 71-164.
- BRAIT, B.. A palavra mandioca: do verbal ao verbo-visual. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso* v. 1. São Paulo, 2009. p. 142-160.
- \_\_\_\_\_. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-32.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. [1929] *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- CAMPOS, M. I. B. *Identidade em construção: presenças francesa, brasileira e paulista em crônicas de cultura da revista do Brasil (1922-1925)*. (Doutorado em linguística aplicada e estudos da linguagem) Programa em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: LAEL-PUCSP, 2002.
- CESÁRIO, E. E. S.. *Após denúncia de racismo, ex-estagiária afirma que tem dificuldade em conseguir emprego*. São Paulo: Rede Brasil Atual, 14 fev 2012. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2012/02/apos-denuncia-de-racismo-ex-estagiaria-afirma-que-tem-dificuldade-em-conseguir-emprego> Acesso em: 03 mai 2012
- COUTINHO, C. L. R.. *O padrão estético do negro em salvador (1980-2005)*. Em: <[http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh\\_III/cassi\\_ladi\\_reis.pdf](http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_III/cassi_ladi_reis.pdf)> Acesso em: 25 abril 2012.
- CUNHA, D. A. C. Bakhtin e a linguística atual: interlocuções. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 287-294.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. O período e sua construção. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008. p. 607-623.
- FARACO, C. A.. O círculo de Bakhtin. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 11-44.
- FIORIN, J. L.. O dialogismo. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008. p. 09-51.
- GOMES, N. L.. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 376 p.

\_\_\_\_\_. *Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?* In: Revista brasileira de educação. Campinas: Autores associados. n. 21, p. 40-51, 2002.

GREGORI, E. *Black sempre será beautiful*. Em: <<http://eduardogregori.com.br/blog/?p=4644>> Acesso em: 23 maio 2012.

HALL, S.. *A identidade cultural na pós-modernidade*. trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, [1992]2011.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (Org. e Trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

HOOKS, B. *Alisando o nosso cabelo*. Trad. Lia Maria dos Santos. Disponível em: <http://www.criola.org.br/mais/bell%20hooks%20%20Alisando%20nosso%20cabelo.pdf> Acesso em: 07 mai 2013

MACEDO, M. *Quero uma nega do cabelo duro*. Em: <[http://www.afroeducacao.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=100:quero-uma-nega-de-cabelo-duro&catid=28:artigos&Itemid=110](http://www.afroeducacao.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=100:quero-uma-nega-de-cabelo-duro&catid=28:artigos&Itemid=110)> Acesso em> 10 maio 2012.

MALACHIAS, R. *Cabelo bom, cabelo ruim*. 2ª ed. São Paulo: Terceira Margem, 2009. (Coleção Percepções da Diferença. Negros e Brancos na Escola, 4).

MEGAHAIR. Métodos de colocação. Disponível em: <<http://tudosobremegahair.blogspot.com.br/p/metodos-de-colocacao.html>> 15 dez 2012

MOURA, M.. Identidades. In: RUBIM, A. (Org.). *Cultura e Atualidade*. Salvador: EDUFBA, 2005. p. 77-91.

MUNANGA, K.. *Documentário dia do professor*. Brasil: Tv Brasil, 11 set 2008. Entrevista a Salto para o futuro. Disponível em: [http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod\\_Entrevista=85](http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod_Entrevista=85) Acesso em: 03 mai 2013

OLIVEIRA, E. D. . *Cosmovisão africana: a forma cultural africana no Brasil. A Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente*. Fortaleza: LCR, 2003.

PAGAN, M. *Sete erros do megahair que acabam com o cabelo e o visual*. Disponível em: <<http://www.minhavidacom.br/beleza/galerias/15447-sete-erros-do-megahair-que-acabam-com-o-cabelo-e-o-visual#conteudoTxt>> Acesso em: 15 dez 2012.

SILVA, A. P. P. F. *Formas de presença do outro no discurso verbo-visual de uma paciente de psicopedagogia: uma perspectiva Bakhtiniana*. Revista Intercâmbio. v. 17. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2008. p. 15-28.

\_\_\_\_\_. *Retratos dialógicos da clínica: um olhar discursivo sobre os relatos de atendimento psicopedagógico*. (Doutorado em linguística aplicada e estudos da linguagem) Programa em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: LAEL-PUCSP, 2010.

SILVA, A. C. *Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático*. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2010.

SILVA, M. G.. *25 curiosidades sobre a escravidão*. Em: <<http://www.historiadigital.org/curiosidades/25-curiosidades-sobre-a-escravidao/>> 23 maio 2012.

SOBRAL, A.. *Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase “parasitária de uma vertente do gênero de auto-ajuda*. (Doutorado em Linguística Aplicada). Programa em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: LAEL-PUCSP, 2006.

VINCETIN, T.. *Vale a pena fazer megahair?* Disponível em: <<http://vilamulher.terra.com.br/vale-a-pena-fazer-megahair-2-1-12-280.html>> Acesso em: 15 dez 2012

VOLOCHÍNOV, V.N. *O discurso na vida e o discurso na arte*. [1926] 1976. Trad. Para fins didáticos de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. Disponível em: <[http://www.fflch.usp.br/dl/noticias/downloads/Curso\\_Bakhtin2008\\_Profa.%20MaCristina\\_Sampaio/ARTIGO\\_VOLOSH\\_BAKHTIN\\_DISCURSO\\_VIDA\\_ARTE.pdf](http://www.fflch.usp.br/dl/noticias/downloads/Curso_Bakhtin2008_Profa.%20MaCristina_Sampaio/ARTIGO_VOLOSH_BAKHTIN_DISCURSO_VIDA_ARTE.pdf)> Acesso em: 08 ago 2011.

**\*Letras de músicas disponíveis em:**

“Fricote” de Luiz Caldas. Em: <<http://letras.terra.com.br/luis-caldas/65415/>> Acesso em: 23 maio 2012.

“Pranchina” do grupo LevaNóis. Em: <<http://letras.terra.com.br/leva-noiz/1339404/>> Acesso em: 23 maio 2012.

“Escovadinha” do grupo psirico. Em: <<http://letras.terra.com.br/psirico/81056/>> Acesso em: 23 maio 2003.